

PNUM
2016

REDE
LUSÓFONA
DE MORFOLOGIA
URBANA

Centro Cultural Vila Flor, Guimarães
Julho 15-16, 2016

OS
ESPAÇOS
DA
MORFOLOGIA
URBANA

PORTUGUESE
LANGUAGE
NETWORK
of URBAN
MORPHOLOGY

ATAS DA 5ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
DA REDE LUSÓFONA DE MORFOLOGIA URBANA

Entidades Organizadoras



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais



Parceiros



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:



Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT- Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCT através de fundos nacionais e quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 – POCI-01-0145-FEDER-007528.

PNUM 2016

V Conferência

Rede Lusófona de Morfologia Urbana

Portuguese-language Network of Urban Morphology

Coordenação geral

Jorge Correia

Miguel Bandeira

Comissão Científica

Teresa Marat-Mendes (Presidente), ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Eneida Souza Mendonça, Universidade Federal do Espírito Santo

Frederico de Holanda, Universidade de Brasília

Jorge Correia, Universidade do Minho

Miguel Bandeira, Universidade do Minho

Nuno Norte Pinto, University of Manchester

Stäel Pereira da Costa, Universidade Federal de Minas Gerais

Vítor Oliveira, Universidade do Porto

Comissão Organizadora (Universidade do Minho)

Cidália Silva

Ivo Oliveira

Jorge Correia

Maria José Caldeira

Maria Manuel Oliveira

Miguel Bandeira

Entidades organizadoras

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território

CEGOT Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

Secretariado

Lab2PT

<http://pnum2016.weebly.com>

'Os Espaços da Morfologia Urbana'

Atas da 5ª Conferência Internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, PNUM 2016

E-book

Editor

Jorge Correia
Miguel Bandeira

Coordenação de conteúdos

Sandra Barbosa

Coordenação gráfica

Ivo Oliveira

Edição

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho
Lab2PT Laboratório de Paisagens, Património e Território

ISBN

978-989-99484-6-4

SUMÁRIO

13	1. História da forma urbana
15	<i>O Pátio da Minha Cidade: Da antiguidade clássica ao contexto urbano atual.</i> Mariana Neto
27	<i>O papel das vias romanas na formação e desenvolvimento periférico da cidade de Braga, desde a época romana até à atualidade.</i> Maria do Carmo Ribeiro, Manuela Martins
39	<i>A Viagem de Cósimo III de Médicis. Imagem da cidade portuguesa de seiscentos, o caso de Santarém.</i> João Cabeleira
51	<i>Paisagem Urbana do Núcleo de Povoamento da Ilha de Santa Catarina através de Representações Artísticas dos Viajantes.</i> Marcia R. Escorteganha
63	<i>Implantação insular franciscana portuguesa antes do Brasil colonial: Funchal e Ponta Delgada.</i> Isabel Norton
79	<i>A Morfologia Urbana das Vilas termais do Norte de Portugal: Gerês, Vizela, Pedras Salgadas.</i> Isabel Matias
91	<i>Tecido urbano em crise: leituras de São João del-Rei / MG (1930 - 1945).</i> Mariana Souza, Adriana Nascimento
103	<i>A rua de trás.</i> Flavia Botechia
113	<i>A Cidade Interrompida: o processo de planeamento da cidade de Alcobaça, 1889-1957.</i> Sílvia Di Salvatore, Ana Tostões
127	<i>Geo-morfo-evolução de Setúbal e Évora: paralelismos e diversidades.</i> Manuela Tomé, Maria Tereno, Maria Monteiro
141	<i>Vilas e cidades no Brasil Colônia.</i> Lívia Vierno
151	<i>As Formas do urbano na cidade histórica em Galícia.</i> Xose Lois Martínez Suárez
165	<i>Desenho e circunstância. Mário Bonito: Bairro de Moradias Económicas da Cooperativa O Lar Familiar.</i> Helder Casal Ribeiro
177	<i>Encontrar o futuro na história. O Plano de Urbanização de Guimarães (Fernando Távora, 1982).</i> Eduardo Fernandes
189	<i>Cidades Limitadas? Análise Configuracional de Assentamentos Urbanos Murados.</i> Marlysse Rocha, Valério Medeiros, Monica Gondim
203	2. Heranças patrimoniais e regeneração urbana
205	<i>Ofícios e Rios: uma análise da regeneração urbana nos bairros Olarias e Poti Velho em Teresina – Piauí.</i> Ana Falcão, Ingrid Sampaio, Vitória Alencar, Karenina Matos, Wilza Lopes
215	<i>Intervenção em centro urbano tombado buscando critérios estéticos para preservar a sua ambiência histórica.</i> Fernanda Vierno
227	<i>Casa do Barro: Memória Viva da Olaria no Telhado, freguesia do Fundão.</i> Rúben de Matos

- 235 *O Mercado Público de Laguna: Uma inserção atemporal na inconstância da Urbanidade.*
Tueilon de Oliveira
- 247 *Regeneração e re-funcionalização. Perspetivando o futuro do(s) território(s) ribeirinho(s) de Lisboa.*
Ana Nevado
- 259 *Morfologia urbana na zona ocidental intramuros da cidade de Évora (séc. XIII-XXI): do património à malha urbana.*
Maria Monteiro, Maria Tereno, Marízia Pereira
- 269 *Perspectivas urbano-paisagísticas de uma cidade ribeirinha na Amazônia: a presença do rio e dos espaços livres públicos no desenho da paisagem e da morfologia urbana de Afuá/PA.*
Vera Tângari, Rubens Andrade, Pedro Mergulhão

281 3. Teoria da morfologia urbana

- 283 *"The grand manner": a rede axial barroca e a concepção da forma urbana na Escola Francesa de Urbanismo.*
Ivvy Pessôa Quintella
- 295 *Morfologia, atratores e vida social. O impacto do espaço físico no modo como usamos a cidade: o caso do Bairro de Alvalade.*
Micaela Raposo, Luís Santos, Rafael Ferreira, Hugo Brito, Sara Eloy
- 307 *Fundamentos de Morfologia Urbana.*
Staël de Alvarenga Pereira Costa, Maria Manoela Gimmler Netto
- 317 *Limite Difuso. Sines, o Processo de Infraestruturação Industrial*
Andreia M. Tavares, Paulo Tormenta Pinto
- 327 *Leituras Morfológicas e os IGT's.*
Filipa Corais
- 345 *Análise Morfológica quanto à Consolidação da Praça XV de Novembro na Paisagem Urbana de Florianópolis- Brasil.*
Marcia R. Escorteganha, Gilberto S. Yunes

361 4. Da cidade ao território

- 363 *Aspetos morfológicos da articulação com a frente de água em Lisboa.*
Rita Ochoa
- 375 *Favela como padrão de ocupação e produção habitacional.*
Eber Marzulo
- 385 *Crescimento Periférico e Periurbano em Itabirito-MG, Estudo de caso do Vetor Leste.*
Alfio Conti, Débora Meirelles
- 395 *O processo de difusão urbana no espaço perimetropolitano de Belo Horizonte, o estudo de caso do espaço regional entre Itabirito e Ouro Preto.*
Alfio Conti, Maria Florencia Sosa, Amanda Andrade
- 409 *Mudança do ambiente térmico em Guimarães (1984-2014): o impacte da urbanização difusa.*
Catarina Pinheiro, Maria Manuela Laranjeira, Miguel Bandeira
- 417 *A Dança das Densidades no Contexto do Crescimento Urbano.*
Maria do Rosário Jorge, Luís Vicente Baptista, João Pedro Nunes, Nuno Neves
- 427 *Implementação do estatuto das cidades em Cabo Verde: desafios e propostas de solução.*
Simão Varela
- 435 *Cidades do Litoral em Rede. Paraná (Brasil) e Algarve (Portugal)*
Jussara Silva, Mafalda Pacheco, Teresa Heitor
- 445 *Mobilidade acelerada: o hinterland entre Sines e Madrid.*
João Teixeira, Paulo Tormenta Pinto

455 5. Práticas e experiências didáticas

- 457 *Aplicação do método das escolas inglesa e italiana de morfologia urbana na análise das cidades históricas de Minas Gerais: o caso de Tiradentes.*
Larissa Bertu, Renata Pedrosa, Maria Cristina Teixeira, Marieta Maciel, Natália Achcar
- 467 *Transformação de um Vazio Urbano Romano numa Nova Urbanidade para Romanina.*
Tiago Rente, Alexandra Saraiva
- 477 *Além dos muros da Universidade: Intervenção urbana como forma de inclusão social - O caso da Comunidade da Margem da Linha em Campos dos Goytacazes/RJ.*
Antonio Godoy, Clarisse Luna, Carolina Barreto, Daniela de Oliveira, Danielly Aliprandi, Fagner Oliveira
- 489 *A Cidade como experimentação criativa. Experimentação criativa um contributo para a literacia urbana.*
Mafalda Pacheco, Patrícia Lourenço, Teresa Heitor
- 497 *A Abordagem tipo-morfológica da Escola Muratoriana.*
Xose Suarez, Armando Fernandes, Adriana Vieira, Fernanda Gorghi
- 507 *Análise e modelagem da morfologia urbana em um contexto de Conservação Urbana.*
Fabiano Diniz, Ana Rita Sá Carneiro, Raphael Melo, Danielle Rocha
- 519 *As formas da cidade compacta: Investigação arquitetônica sobre quarteirão existente.*
Maria L. A. Sanvitto, Claudia P. C. Cabral

529 6. Métodos e técnicas

- 531 *Técnicas Morfológicas do Projeto Urbano.*
Paolo Marcolin
- 543 *Oficinas de morfologia urbana em cidades brasileiras.*
Silvio Macedo e Francine Sakata
- 557 *Análise da Lacunaridade Urbana em Cidades Brasileiras de Médio Porte.*
João Silva Júnior, Mauro Barros Filho, Jade Brito
- 571 *Espaço e vida urbana no Distrito Federal.*
Ana Paula Barros, Juliana Alvim
- 579 *As Relações Determinantes entre Urbanidade e Forma Urbana.*
Samira Elias Silva, José Nuno Beirão, Carlos Dias Coelho
- 589 *Como o espaço pode influenciar a rápida decisão sobre os percursos a tomar: o caso do Estádio Universitário de Lisboa.*
Tomás Amaral, Joana Sequeira, Renata Sousa, Sara Eloy
- 599 *Morfologia e Urbanidade em Margens de Corpos d'Água Urbanos.*
Michelle Benedet, Carlos Faggin
- 609 *A configuração das bordas metropolitanas da cidade de Curitiba/Brasil.*
Luciana Capistrano, Letícia Pacheco, Priscila Dill, Jussara Silva
- 619 *Análise configuracional da cidade de Sines. Contribuições para a sustentabilidade do planeamento urbano e território.*
Bárbara Lopes, Rosália Guerreiro
- 629 *Contributo da sintaxe espacial para uma metodologia de reconstrução virtual do património arquitetónico. O sítio da Esperança como caso de estudo.*
Ana Gil, Ana Tomé
- 641 *Instrumentos cartográficos no acompanhamento das modificações do uso do solo e no controle dos impactos ambientais: influências no planejamento territorial do Distrito Federal – DF - Brasil.*
Marly Santos da Silva
- 655 *A Reinterpretação do Movimento Moderno em Lúcio Costa e a sua Influência na Renovação Arquitetônica Lusitana na Primeira Metade do Séc. XX.*
Edgard Oliveira, Larissa Bertu, Stael Pereira Costa, Maria Netto
- 667 *O inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa e a Antropologia: um caso de transversalidade metodológica.*
Teresa Marat-Mendes, Maria Amélia Cabrita

- 679 *Crescimento Urbano: Relações críticas entre sistemas de serviços urbanos, consumidores e seus reflexos no crescimento da cidade.*
Decio Bevilacqua, Romulo Krafta
- 689 *Tecido urbano do Distrito da Mooca. Um estudo de tipos.*
Adilson Macedo, Maria Isabel Imbronito
- 703 *(Cidade) Real: Estudo do processo de formação do Bairro Alto das Mercês, São João del-Rei/MG.*
Marcelo Silva, Adriana Nascimento

713 7. Agentes e processos de transformação

- 715 *Apropriação dos Espaços Livres e Agentes Transformadores em Vargem Grande - Rio de Janeiro/RJ.*
Julia R. Bahiana, Victória F. R. Carvalho, Nathália R. B. Costa, Vera R. Tângari
- 727 *Na fonte das cidades, as águas e as pessoas: a experiência do projeto Parque Capibaribe no bairro das Graças (Recife, Brasil).*
Fabiano Diniz, Danielle Rocha, Werther Ferraz e Anna Karina Alencar
- 737 *Reconhecimento e Categorização Tipológica dos sistemas de Espaços Livres. O Estudo de Caso de Guaratã – RJ.*
Mariana Moreira, Bruno Mendonça, Vera Tângari
- 751 *Sistema de espaços livres e urbanidade em uma cidade média brasileira: Araguari, Minas Gerais.*
Lucas de Oliveira, Eugenio Queiroga
- 761 *Repensando a cidade informal: a regulação da forma urbana e suas repercussões Socioespaciais.*
Mariana Costa Lima
- 771 *Algumas considerações sobre o papel do Desenho Urbano na evolução e controlo dos tecidos urbanos: Bairro Alto, um caso de estudo.*
Beatriz Ribeiro, Teresa Marat-Mendes
- 785 *Estrutura morfológica da grande cidade brasileira.*
Eugenio Queiroga, Silvio Macedo
- 795 *A rua Primeiro de março e a centralidade na cidade do Rio de Janeiro: Uma análise urbanística.*
Leonardo Pereira
- 805 *Transformação na Forma Urbana Brasileira – Estudo de Dois Centros Urbanos.*
Rafael Pegoraro, Silvio Macedo
- 817 *Cidade como Universidade, Universidade como Cidade: A morfologia do recinto universitário.*
Luísa Cannas da Silva, Teresa Heitor
- 827 *Algumas questões teóricas sobre a produção imobiliária privada urbana.*
Hugo Louro e Silva, Candido Malta Campos
- 835 *Morfologia e Propriedades Topo-Geométricas dos Condomínios Horizontais da Cidade de João Pessoa, Brasil.*
Alexandre Castro, Anneliese Lira, Paulo Vítor Freitas
- 849 *A cidade entre edifícios. Reflexão sobre meio século de mudanças num conjunto habitacional modernista.*
Jorge Gonçalves, Luís Carvalho, João Rafael
- 859 *A produção do espaço urbano de Toledo-PR a partir da instalação do Frigorífico Pioneiro S/A: aspectos do planejamento municipal.*
Sabine Campos, Sílvia Pereira
- 871 *Brasília: Paisagem Urbana Contemporânea.*
Sidney Vieira Carvalho
- 883 *O uso de novos meios nos processos de planejamento urbano participativo.*
Daniel Cardoso, Vitor Meneses
- 895 *Gestão Pública, Planejamento Urbano e Desigualdade Socioespacial em Salvador/ Bahia – Brasil.*
Joilson Cruz da Silva

- 907 *O desenvolvimento dos caminhos-de-ferro em Portugal e no Brasil: Uma análise comparativa e morfológica dos territórios atravessados por estas infraestruturas.*
Inês Isidoro, Teresa Marat-Mendes, Vera Regina Tângari
- 919 *Os processos de transformação urbana em Campos dos Goytacazes/RJ: desdobramentos do Programa Habitacional Morar Feliz.*
Aline Rangel, Antônio Godoy, Daniela de Oliveira, Danielly Aliprandi, Fagner Oliveira, Lucas França
- 931 *Vilas Piscatórias Algarvias Análise da Evolução Urbana.*
Sofia Ribeiro, Teresa Heitor
- 945 *Processo de produção e transformação da forma urbana em cidades costeiras brasileiras.*
Denio Benfatti; Vera Tângari
- 957 *O processo de transformação da vila de pescadores da Praia do Forte.*
Ariadne Silva, Gabriella Faria, Márcia Mello
- 965 *As narrativas de uma paisagem: da urbanística de colina à verticalização do centro histórico de Vitória (Brasil).*
Martha Campos, Fabiano Dias

983 8. Do plano ao projecto

- 985 *Do plano à prática: a realidade do transporte ciclovitário em Teresina, Piauí.*
Amanda Luz, Ylana Oliveira, Karenina Matos, Wilza Lopes
- 997 *A integração de métodos de zoneamento no desenvolvimento de parâmetros de desenho urbano para a agricultura urbana.*
Natália Lemos, Emília Rutkowski, Evandro Monteiro
- 1011 *Densidade, Dispersão e Forma Urbana: Dimensões e Limites da Sustentabilidade Habitacional no Brasil.*
Geovany J. A. da Silva, Samira Elias Silva, Carlos Alejandro Nome
- 1023 *Outorga onerosa e o avanço do papel da administração pública nas novas legislações urbanas no Brasil: estudo de caso em São Paulo e Belo Horizonte.*
Rafael Araújo, Maria Cristina Teixeira
- 1031 *Análise Espacial do Grande Conjunto de Alvalade: O Planeado e o Construído.*
Israel Guarda, Valério de Medeiros
- 1045 *Uma Avenida Moderna: planos e projetos de Alberto Pessoa para a Infante Santo.*
Tiago Farinha, Ana Tostões
- 1057 *Forma e Utopia. Os lugares modernos da Arrábida e da Afurada nas expansões urbanas entre Porto e Gaia.*
Diana Almeida Silva
- 1077 *O projeto como planeamento - Estudos e Relatórios de Impacto de Vizinhança na Cidade do Rio de Janeiro.*
Andrea Queiroz Rego
- 1087 *Desconstrução da paisagem tecnológica até ao solo natural no Vale do Ave.*
André Chaves

1097 9. Espaço público e transformações recentes

- 1099 *A qualidade socioambiental dos espaços públicos em bairros habitacionais.*
Karla Conde, Silvia Pina
- 1111 *Aportar à Beira-rio: o contributo do novo Museu dos Coches a Belém.*
Nuno Tavares da Costa
- 1121 *Projeto de espaço público: um processo de mediação. Requalificação do Centro Cívico da Vila das Taipas.*
Marta Labastida, Joel Dinis, Marisa Fernandes

- 1131 *Da Cidade à Metápole: os Efeitos da Configuração Territorial e da Morfologia Urbana nos Espaços Públicos e na Vida Urbana.*
Milton Esteves Jr., Maria Candelária Lacherre, Claudia Emperatriz Diaz Garcia
- 1143 *Os espaços livres públicos e a forma urbana no Vetor Oeste da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG – Brasil.*
Marieta Maciel, Natália Achcar, Mirelli Medeiros, Priscila Schiavo, Mariana Lima, Renata Ribeiro
- 1155 *A Cidade sustentável como produto do marketing territorial. Soluções de mobilidade urbana no caso do Porto Maravilha – Rio de Janeiro.*
Maria do Carmo Bezerra, Laysa Abchiche, Artur Rocci
- 1169 *Da estrada carroçável ao boulevard: a Avenida Frei Serafim como principal eixo viário da cidade de Teresina, Piauí, Brasil.*
Amanda Miranda, Sandra Medeiros, Karenina Matos, Wilza Lopes
- 1179 *Avaliação dos Desempenhos das Formas Urbanas e dos Modos de Uso e Apropriações dos Espaços Públicos Gerados pela Implantação das Estações de Metrô do Município de São Paulo.*
Kazuo Nakano, Paulo Ferrara Filho, Helena Degreas, Paula Katakura
- 1189 *Espaço Urbano, Pessoas e suas Relações.*
Ainara Fialho, César Guglielmelli, Gabriel Santos, Maxwell Rodrigues, Sarah Pinheiro, Stela Gomes, Thaiza Alves, Luciana Resende
- 1197 *Padrões Espaciais e Vida Pública: Contributo para o estudo de gentrificação no Bairro Alto.*
Juliana Inácio, Rosália Guerreiro
- 1207 *O Papel do espaço público na era digital e sua contribuição para a sociabilidade.*
José de Souza Gomes Júnior, Laini de Souza Santos

O papel das vias romanas na formação e desenvolvimento periférico da cidade de Braga, desde a época romana até à atualidade¹

Maria do Carmo Ribeiro, Manuela Martins

Lab2PT, Unidade de Arqueologia, Departamento de História, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho

Braga, Telefone: 965161073

mcribeiro@uaum.uminho.pt; mmmartins@uaum.uminho.pt

Resumo

O presente trabalho pretende analisar o impacto que as vias romanas tiveram na morfologia que caracterizou a periferia urbana da cidade de Braga, desde a sua fundação, no período romano, até à atualidade. Através do cruzamento dos resultados obtidos na investigação arqueológica e histórica, bem como na utilização de uma metodologia de análise que privilegia abordagens regressivas, é atualmente possível propor um traçado aproximado das vias que subsidiavam a cidade de Braga no período romano, verificar a sua reutilização ao longo dos tempos e avaliar o papel que desempenharam no crescimento periférico da cidade desde a Idade Média até à época contemporânea. Pretende-se, desde modo, através do cruzamento dos vários tipos de informação, nomeadamente os dados arqueológicos, as fontes escritas e a cartografia e iconografia históricas, analisar as consequências de tipo morfológico decorrentes da longa ocupação dos primitivos caminhos periféricos de Braga, avaliando as sucessivas alterações na fisionomia do plano urbano, no sistema viário, bem como no tipo de parcelamento e uso do solo que lhe está associado.

Palavras-chave

Braga, cidade e periferia, morfologia urbana, vias romanas

Introdução

Entre os elementos estruturais dos espaços urbanos os caminhos constituem um dos componentes que apresentam uma maior tendência para se conservarem. Em muitos casos, e independentemente da sua morfologia original, as cidades romanas acabaram por ser rodeadas por muralhas, convertendo-se as vias que partiam das suas portas em eixos organizadores do seu crescimento periférico. Na realidade, um dos modos característicos da expansão das cidades está associado à progressiva urbanização da rede de caminhos periféricos preexistentes, na maior parte dos casos de origem romana. Este tipo de crescimento desenvolveu-se de forma natural e orgânica em diferentes momentos históricos, sendo característico do período medieval e moderno, respondendo às próprias necessidades de cada cidade (Capel, 2002).

Assim aconteceu com Braga, cidade que tem vindo a ser objeto de vários estudos que documentam como as vias de origem romana se perpetuaram no espaço urbano, dentro e fora das muralhas e condicionaram a evolução morfológica da cidade até à atualidade (Ribeiro, 2008; Martins e Ribeiro, 2013).

¹ Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT- Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCT através de fundos nacionais e quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 – POCI-01-0145-FEDER-007528.

Neste trabalho pretendemos analisar o caso do crescimento periférico de Braga na longa duração e o papel desempenhado pelo sistema viário romano nesse processo. Na prática, procuraremos demonstrar como as vias que ligavam *Bracara Augusta* às restantes cidades romanas da Hispânia foram reutilizadas desde a Idade Média e como se constituíram em eixos estruturantes da paisagem urbana até à época contemporânea. Pretende-se avaliar as consecutivas transformações na fisionomia do plano urbano da cidade, do seu sistema viário, bem como do tipo de parcelamento e uso do solo que lhe está associado. Para tal iremos privilegiar uma metodologia de análise regressiva, através do cruzamento dos vários tipos de fontes disponíveis, designadamente os dados arqueológicos, a cartografia e iconografia histórica, assim como as fontes escritas.

2. Fontes e metodologia de abordagem

A interpretação da morfologia da cidade romana de *Bracara Augusta*, designadamente das vias periféricas que a subsidiavam, tem sido viabilizada pelos resultados dos trabalhos arqueológicos que, desde há cerca de 40 anos, têm vindo a ser desenvolvidos em Braga e na sua periferia (Martins *et alii*, 2013). Entre os dados arqueológicos mais importantes para este estudo destacam-se aqueles que permitiram definir o perímetro da muralha romana, bem como o local onde se situavam as suas portas, os traçados das vias e as áreas de necrópoles que se localizavam nas suas imediações (Lemos, 2002; Carvalho, 2008). Ainda para o período romano destaca-se a representação iconográfica da cidade quinhentista, conhecida por mapa de Braunio, produzido em 1594, que possui anotações e observações relativas a alguns locais da cidade romana, identificando algumas vias, assim como o local do fórum romano e a localização de algumas necrópoles. O mapa de *Braunio* constitui-se, igualmente, como uma importante fonte para analisar a morfologia da cidade de Braga e a sua periferia nos inícios da época moderna (Figura 1).

Para documentar a urbanização medieval destacam-se as fontes escritas, nomeadamente os documentos produzidos com fins administrativos pela instituição religiosa bracarense, que, apesar de fornecerem informação indireta, permitem extrair dados relevantes relacionados com os diferentes espaços urbanos (Ribeiro, 2008).

A cartografia histórica constitui igualmente um poderoso instrumento para documentar as características da cidade durante as épocas moderna e contemporânea, com destaque para o conhecido *Mapa das Ruas de Braga* (MRB) (Bandeira, 2000), onde se encontram desenhadas as fachadas das casas que faceavam algumas ruas em meados do século XVIII. Merecem igualmente destaque as primeiras representações cartográficas realizadas por engenheiros militares, datadas do século XIX, principalmente a planta topográfica de 1883/85², que constituem documentos preciosos sobre a topografia da cidade

² Planta à escala 1/500, composta por 32 folhas, pertencente à Câmara Municipal de Braga, instituição a quem agradecemos a sua cedência em formato digital. Esta planta foi recentemente publicada por Miguel Bandeira (2015).

anteriormente às grandes transformações do espaço urbano bracarense realizadas na segunda metade daquele século (Bandeira, 2001).



Figura 1. Mapa de Braunio (1594)

O cruzamento das diferentes fontes referidas permite analisar a morfologia da cidade de Braga em distintos períodos cronológicos. Para o efeito recorreremos a uma metodologia de análise regressiva, que tem por base a cartografia dos finais do século XIX. A sucessiva subtração dos elementos correspondentes às diferentes cronologias documentadas permitiu elaborar plantas representativas das diferentes épocas de crescimento periférico da cidade, desde a época romana até à contemporânea.

3. Evolução urbana de Braga: das vias romanas às ruas contemporâneas

3.1 As vias romanas

As origens de Braga remontam ao período romano, quando foi fundada a cidade de *Bracara Augusta*, por volta dos anos 16/15 a.C. Estrategicamente implantada no território, a cidade possuía um plano ortogonal e encontrava-se ligada a outras importantes cidades hispânicas por um conjunto de itinerários principais, que começaram a ser construídos ainda no tempo de Augusto. Esta primitiva rede viária foi reforçada e consolidada na época flávia com a construção da Via Nova (via XVIII) e da via que ligava a cidade a *Emerita Augusta*, capital da Lusitânia (Carvalho, 2008). A cidade seria ainda subsidiada por vias secundárias, eventualmente traçadas sobre caminhos proto-históricos, que a ligavam a outros centros urbanos de menor estatuto, designadamente às capitais de *civitates* (Martins, 1995).

Das seis vias principais que convergiam para a cidade cinco delas são mencionadas no Itinerário de Antonino, designadamente as vias XVI, XVII, XVIII, XIX e a via XX *per loca marítima* (Carvalho, 2008). A sexta via aparece documentada no Mapa de Braunio como ligando a cidade de Braga a Guimarães e corresponde à via *Bracara-Emerita*. O Mapa de Braunio assinala igualmente o local das vias XVIII e XVI. Nas margens das vias principais localizavam-se as necrópoles romanas arqueologicamente conhecidas, santuários e *villae* suburbanas, que funcionavam como extensões da cidade no território (Martins e Delgado, 1989/90; Martins *et alii*, 2012).

A definição exata do trajeto dos itinerários romanos principais, sobretudo na periferia imediata de *Bracara Augusta*, bem como o local onde estas se ligavam à cidade, tem sido ensaiada por vários autores graças à restituição da morfologia da muralha que passou a cercar a cidade nos finais do século III/inícios do século IV, bem como à identificação de alguns troços das vias, nomeadamente da via XVII e XVIII (Carvalho, 2008). A área cercada pela muralha romana ocuparia cerca de 48 hectares, sendo possível propor uma restituição da mesma que contemplaria as seis portas, que permitiam a ligação às respetivas vias principais (Ribeiro, 2008) (Figura 2).

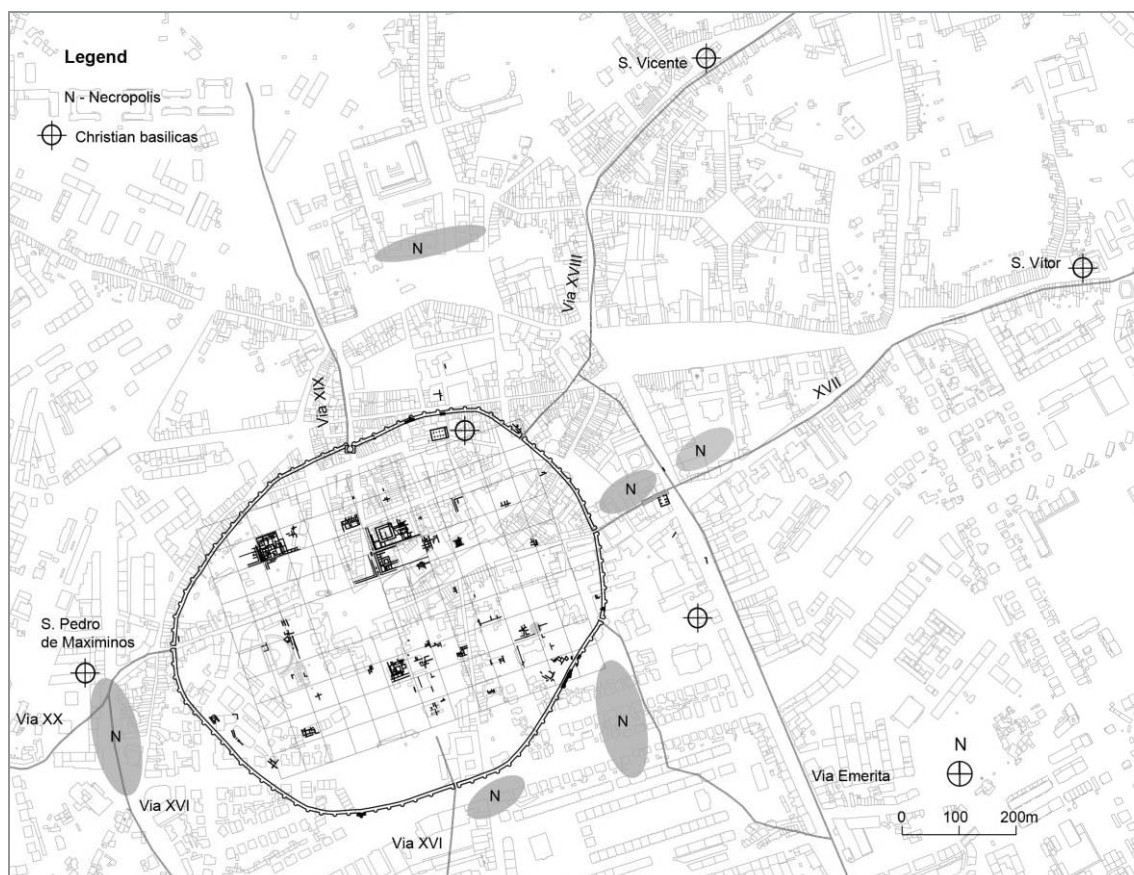


Figura 2. O núcleo urbano de Braga e a sua articulação com o território entre os séculos V e IX

A via XIX, que ligava *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti* (Lugo), passando por *Limia* (Ponte de Lima) e Tude (Tui), tinha início na parte norte da cidade, enquanto a via XVIII, também designada de Via Nova, iniciava-se a nordeste, permitindo a ligação a *Asturica Augusta* (Astorga). Com base no local onde a via XVIII aparece assinalada no mapa de *Braunio*, em dados epigráficos e nas escavações realizadas na atual avenida Central, podemos admitir que o seu trajeto pode estar fossilizado nas atuais ruas de Janes, dos Chãos e de S. Vicente. Sob esta via passaria, com grande probabilidade um dos aquedutos de abastecimento de água, captada na atual zona das Sete Fontes (Martins e Ribeiro 2012). Já a via XVII, iniciava o seu trajeto no lado nascente, seguindo pela atual Rua do Raio, assegurando a ligação a *Asturica Augusta*, por *Aquae Flaviae* (Chaves). A comprovação deste traçado, sobretudo na parte em que se ligava à porta da muralha, foi possível graças às escavações realizadas no antigo edifício dos CTT (Martins *et alii*, 2010).

Na parte sul da cidade tinha início a via XVI que se dirigia a *Olisipo* (Lisboa), passando por *Cale* (Porto), enquanto na parte ocidental deveria ser feita a ligação à via *per loca marítima*, ou Via XX, que articulava a cidade com o litoral, seguindo para Lugo. Segundo as anotações do Mapa de *Braunio* a sudoeste da cidade encontrava-se a saída para *Cale*, num caminho que se direciona para sul e que, portanto, se ligaria à via XVI. Este caminho tinha origem no fórum, seguindo para oeste, pela atual rua de S. Sebastião, correspondente ao decumano máximo ocidental da cidade romana, no final do qual existiria um entroncamento de caminhos, seguindo um para sul, com ligação à via XVI e outro para oeste, correspondente à *via per loca marítima* (Carvalho, 2008).

O traçado da via *Bracara-Emerita* é o mais problemático, admitindo-se a sua saída por sudeste. Referida no Mapa de *Braunio* sabemos que esta via chegava às portas da cidade passando a ponte de Guimarães, seguindo aproximadamente o trajeto da atual Avenida da Liberdade, invertendo posteriormente no sentido do hospital, pela rua dos Granjinhos, desembocando na via XVII, através da qual se ligaria à cidade.

3.2 Caminhos e ruas medievais

A partir do século VII assiste-se ao surgimento de pequenos aglomerados urbanos na periferia urbana, associado à construção de basílicas cemiteriais, erguidas sobre antigas necrópoles e junto das principais vias romanas que ligavam Braga ao restante território. Entre estes aglomerados populacionais destacam-se o de S. Pedro de Maximinos, no local do anfiteatro romano, no entroncamento entre as vias XVI e XX que saíam pela porta ocidental da cidade; o de S. Vicente, a nordeste, junto da via XVIII e o de S. Vitor, nas margens da via XVII (Ribeiro, 2009/2010). Estes primitivos núcleos, associados ao culto martirial, darão origem às paróquias medievais da área suburbana (Fig. 2) (Fontes *et alii*, 2010).

Muito embora as fontes disponíveis não permitam documentar com precisão o período que medeia entre as invasões muçulmanas e a revitalização da cidade de Braga, com a consagração da Sé, em 1112, é possível conjecturar que a cidade se concentrou e amuralhou no quadrante nordeste da cidade romana, reutilizando a norte parte da muralha romana que foi articulada com uma nova cerca, documentada arqueologicamente. A nova cidade englobaria agora uma área de 30 hectares (Martins e Ribeiro, 2013).

A partir do século XII surgem referências documentais que comprovam o crescimento do pequeno burgo medieval para norte e nordeste seguindo a direção das vias XIX e XVIII, entretanto transformadas em caminhos rurais periféricos. Referimo-nos, concretamente, às medievais rua de Janes e rua Nova, importando destacar que as mesmas foram englobadas pela nova muralha medieval que viria a ser construída no século XIV, que incluiu o castelo, o paço arquiépiscopal e uma extensa área por urbanizar, onde se localizavam maioritariamente propriedades rurais do arcebispo (Ribeiro, 2008).

A rua Nova, correspondente ao início da via XIX (Braga-Lugo), asseguraria na Idade Média a ligação aos importantes núcleos de S. Frutuoso e de Dume. A sugestão de que o seu traçado seguiria pela Rua da Cónega, atravessando as propriedades do Cabido, é hoje controverso, sendo mais plausível que a mesma tenha origem medieval. As referências documentais atestam que aquela rua já estaria urbanizada nos finais do século XIV, tendo sido destruídas 16 casas³, aquando da invasão da cidade pelas tropas castelhanas (Ribeiro, 2008)⁴.

Para além das ruas mencionadas, importa destacar igualmente a rua da Corredoira, a rua dos Chãos, e a Rua de Maximinos, localizadas na periferia da cidade, importantes na estrutura urbana periférica de Braga durante a Idade Média (Figura 3).

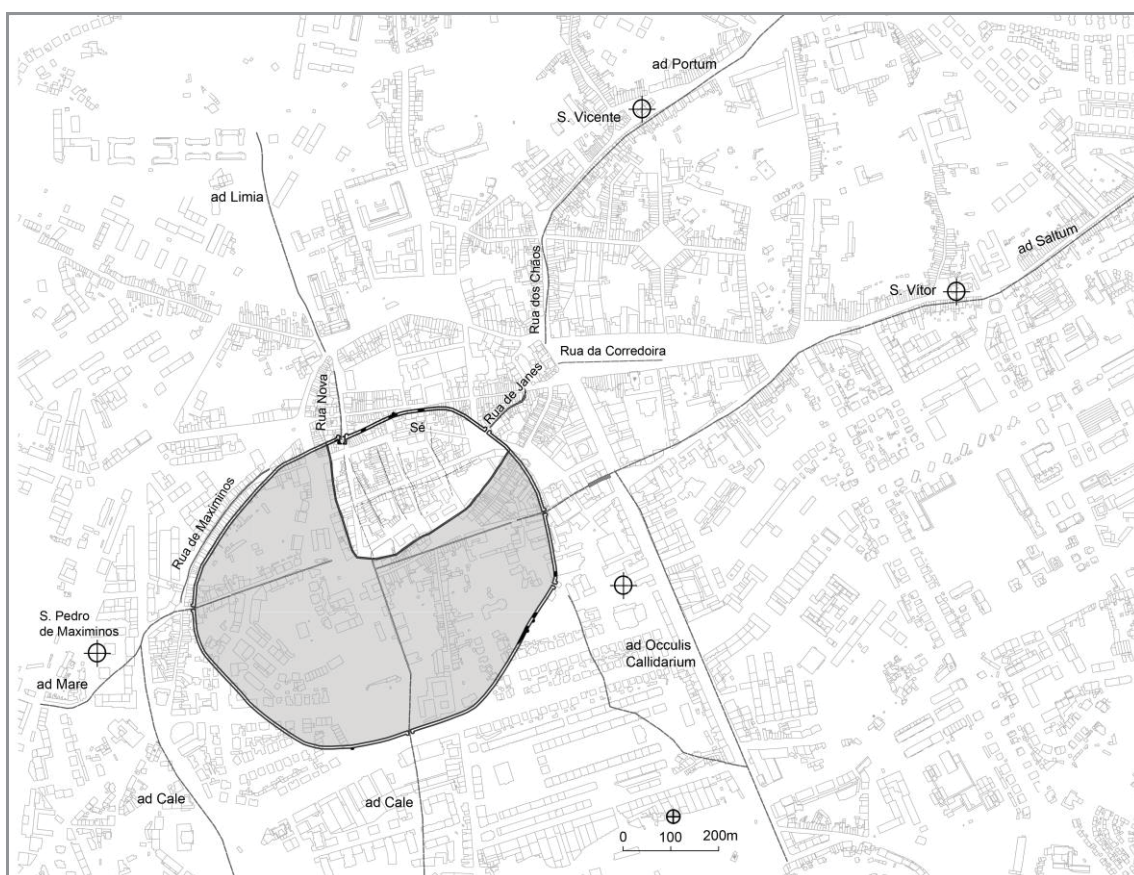


Figura 3. Plano urbano de Braga (séculos IX-XIII)

A Rua da Corredoira, que corria no espaço onde atualmente se localiza a avenida Central, permitia estabelecer a ligação da cidade com a paróquia suburbana de S. Vitor, aparecendo referida em documentos de 1161, como “vinea de Corredoira”⁵, o que remete para o carácter rural dos terrenos cruzados pelo caminho. A partir de 1261, encontramos já a referência explícita à rua da Corredoira⁶, que

³ Arquivo Distrital de Braga, *1º Livro do Tombo do Cabido*, fls. 134.

⁴ A cidade de Braga, segundo o cronista Fernão Lopes, foi ocupada e devastada pelas tropas de Henrique de Trastámara, futuro rei Henrique II de Castela (Lopes, 1895/1896).

⁵ *Liber Fidei*, fólhos 131v-132, doc. 486 (Costa, 1978, tomo II, 230-231)

⁶ *Pergaminhos da Confraria de São João do Souto*, nº7 (Marques, 1982, 71-20).

estaria ainda pouco urbanizada, atendendo às referências do século XVI, que analisaremos adiante. Com o alargamento da muralha e a construção do castelo, nos inícios do século XIV, esta rua passará a unir a porta da muralha de São João do Souto à Igreja de S. Vítor.

Tal como já referido, a rua dos Chãos ligava a cidade à paróquia suburbana de S. Vicente, segundo o traçado da antiga via XVIII. Apesar das referências documentais remeterem para uma artéria pouco urbanizada⁷, ainda nos inícios do século XIII, esta situação será progressivamente alterada ao longo dos séculos seguintes como comprova a referência à destruição de trinta e quatro casas existentes nesta artéria⁸, aquando da incursão castelhana nos finais do século XIV⁹.

Outra importante artéria extramuros era a rua de Maximinos que ligaria a porta ocidental da cerca medieval à Igreja de S. Pedro de Maximinos, acompanhando, pelo exterior, o traçado da anterior muralha romana, indo entroncar com as vias romanas *per loca marítima* e XVI (Porto-Lisboa). Esta artéria poderá ter a sua génese num caminho desenvolvido no Baixo-Império, como via de circulação exterior da parte poente da fortificação romana. Na Idade Média constituiu um importante eixo de desenvolvimento urbano, permitindo uma ligação privilegiada entre a rua da fachada principal da Sé – Rua dos Burgueses – e a saída para o Porto (Ribeiro, 2008). O nível de urbanização desta artéria no século XIV pode ser conjecturado pela circunstância de ter conhecido a destruição de 29 casas¹⁰, como resultado do ataque das tropas castelhanas.

Ao longo dos séculos seguintes Braga irá continuar o desenvolvimento periférico encetado anteriormente, ao longo dos traçados das antigas vias romanas ou em ruas que permitiam a ligação àqueles caminhos.

3.3 Parcelamento e urbanização na Idade Moderna e Contemporânea

O desenvolvimento periférico da cidade a partir do século XVI irá ser potencializado pela abertura de novos rossios, ou “campos”, mandados abrir pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, localizados extramuros, nas proximidades das portas da muralha medieval, designadamente os rossios de Santa Ana¹¹, dos Remédios, das Carvalheiras, das Hortas e da Vinha (Maurício, 2000). A abertura destes espaços irão simultaneamente dinamizar estas zonas bem como os caminhos que a eles se ligavam.

Entre as vias suburbanas mais importantes que sofreram um marcado processo de urbanização a partir da época Moderna destacam-se: a rua dos Chãos; o conjunto do campo de Santa Ana, campo e calçada

⁷ Arquivo Distrital de Braga, *Gaveta 1 das Propriedades do Cabido*, fl. 20, datado de 1219, onde se refere a compra de herdades nos Chãos, ou lugar dos Chãos.

⁸ Arquivo Distrital de Braga, *1º Livro do Tombo do Cabido*, fls. 133 a 133v.

⁹ A cidade de Braga, segundo o cronista medieval Fernão Lopes, foi ocupada e devastada pelas tropas de Henrique de Trastámara, futuro rei Henrique II de Castela (Lopes 1895-1896).

¹⁰ Arquivo Distrital de Braga, *1º Livro do Tombo do Cabido*, fol. 134.

¹¹ Arquivo Distrital de Braga, *Registo Geral*, livro 330, fl. 331, onde se lê: “Primeiramente mandou fazer o Resjo de sanctana o qual era todo cheo de vinhas e arvores, nem hy mais espaço nem campo sahindo da Porta do Souto pera Sancta maria a Branca”, publicado por Maurício 2000, vol. II, 298.

da Senhora-a-Branca e da Régua, até à igreja de S. Victor; a artéria formada pela rua das Águas e a rua da Ponte de Guimarães, correspondente à atual avenida da Liberdade; a rua dos Pelames; a via formada pela rua de S. Miguel-o-Anjo, a rua da Cruz de Pedra e a rua Direita e a rua das Cónegas (Figura 4).

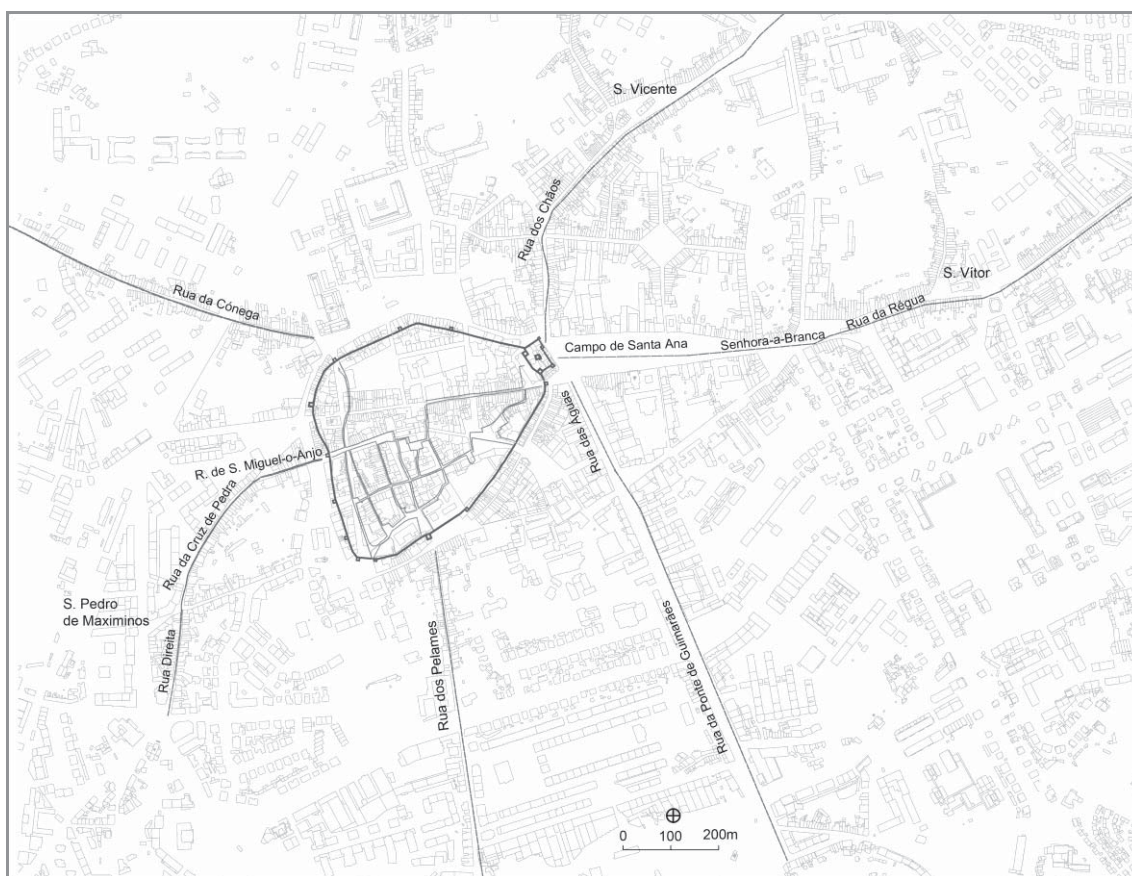


Figura 4. Crescimento periférico de Braga na época Moderna

Grosso modo, trata-se de ruas que tiveram a sua génese nas antigas vias romanas ou que se abriram para permitir a ligação entre elas, como é o caso das ruas de S. Miguel-o-Anjo, Cruz de Pedra e da rua Direita, correspondentes à medieval rua de Maximinos. Estamos perante uma grande artéria que já se encontraria bastante urbanizada no século XVI, circunstância que terá levado à fragmentação da sua designação. No século XVIII apresenta, na sua parte nascente, parcelas construídas de várias dimensões, com predomínio de casas médias e grandes, enquanto a parte ocidental, de morfologia irregular, é constituída maioritariamente por pequenas parcelas estreitas e alongadas (AA.VV, 1989-91). A fisionomia e o parcelamento destas ruas mantêm-se praticamente inalterados até ao século XIX, muito embora a urbanização deste sector da cidade no século XX não tenha permitido senão a conservação de alguns pequenos troços.

A urbanização da via formada pelo conjunto do rossio de Santa Ana, campo e Calçada da Senhora-a-Branca e rua da Régua, até à Igreja de S. Victor, foi potenciada pela abertura do mencionado rossio, correspondente atualmente à avenida Central, onde foi exumada uma necrópole associada à via XVIII ou Via Nova, na parte ocidental e onde na Idade Média corria a rua da Corredoiira. Ao longo dos séculos XVII

e XVIII esta artéria foi sendo sucessivamente urbanizada e preenchida com alguns grandes edifícios de estilo barroco. A parte nascente, correspondente à calçada e campo da Senhora-a-Branca e rua da Régua, até à Igreja de S. Victor, atual rua de S. Vítor, terá uma origem romana, correspondente ao traçado da antiga via XVII (Braga-Astorga). A sua fisionomia e parcelamento, bem visíveis na planta topográfica do século XIX, denotam a sua génese, resultante de um caminho que foi sendo paulatinamente urbanizando, através da constituição de pequenas parcelas, edificadas apenas na parte junto à rua, com compridos quintais que se alongam para o interior dos quarteirões. A criação deste grande espaço veio impulsionar o desenvolvimento da cidade para nascente, potenciando o aparecimento de um conjunto significativo de novas ruas perpendiculares, bem como a urbanização até Gualtar, na continuidade da anterior via romana.

A fazer fé representação no *Mapa de Braunio*, a Rua dos Chãos encontrava-se já praticamente toda urbanizada até à Igreja de S. Vicente nos finais do século XVI. Esta rua apresenta um traçado irregular e um parcelamento constituído maioritariamente por pequenas parcelas estreitas e alongadas e por edifícios modestos, como se pode observar na planta topográfica de 1883/84. Devido à sua extensão, bem como à abertura de novas ruas que para ela convergiam, esta rua foi subdividida, no século XVIII, em rua dos Chãos de Baixo e rua dos Chãos de Cima, conhecendo, igualmente, a introdução de alguns edifícios de maiores dimensões, com fachadas mais ornamentadas de estilo burguês, construídos na época barroca (AA.VV, 1989-91). Nos finais do século XIX a rua dos Chãos de Cima passará a designar-se por rua de S. Vicente. Atualmente a fisionomia, o parcelamento e o edificado desta artéria encontram-se completamente alterados na parte sul da mesma, devido à sua regularização e alargamento realizados já no século XX. De igual modo, a sua parte norte foi objeto de algumas intervenções, mantendo-se, todavia, como uma rua estreita, onde se encontram misturadas parcelas de diferentes dimensões, assim como construções modernas, conservando ainda algumas pequenas casas com a tipologia original (Ribeiro, 2008).

A abertura do rossio de Santa Ana terá igualmente potenciado a urbanização da artéria formada pela rua das Águas e a rua da Ponte de Guimarães. Apesar de já se encontrarem completamente urbanizadas no século XVI, será sobretudo ao longo do século XVII e XVIII que se constituem como um dos eixos comerciais mais importantes da cidade, nomeadamente a parte correspondente à rua das Águas (AA.VV, 1989-91). A rua da Ponte de Guimarães terá a sua origem na via romana que ligaria a Guimarães, pelo quadrante sudeste da cidade, constituindo na Idade Média o eixo viário de entrada na cidade para quem procedia de Guimarães. No século XVI apresentava um elevado número de construções rurais até à ponte de São João, denotando a sua origem muito anterior à rua das Águas. Durante os séculos seguintes vai encher-se de pequenas casas, apresentando uma fisionomia e um parcelamento muito típico das vias suburbanas, bem representados na planta topográfica de 1883/84. No século XX, quer a rua das Águas, quer a rua da Ponte de Guimarães foram alargadas e regularizadas, circunstância que alterou completamente a fisionomia do seu traçado original e respetivo edificado (Ribeiro, 2008).

A rua de Pelames, correspondente à atual Rua de S. Geraldo, corre no sentido N/S deve ter tido a sua gênese na Idade Média, pois rompe com a orientação da malha romana, assegurando a ligação aos tanques de curtumes que existiriam junto ao rio (Ribeiro e Melo, 2014). Nos finais do século XVI ambos os lados da rua estavam já edificados, apresentando no século XVIII um traçado mais regular na parte norte, com parcelas de maiores dimensões e casas de melhor qualidade, algumas ainda existentes, misturadas com casas pequenas. A parte sul da rua, apresenta uma fisionomia mais irregular, em virtude da sua própria ruralidade e do facto das construções se adaptarem de forma espontânea ao seu trajeto. No século XVIII apresentava construções de pequena dimensão, na maior parte terreiras ou com um só piso, típicas das zonas suburbanas (AA.VV, 1989-91). Atualmente esta parte da Rua dos Pelames encontra-se bastante descaracterizada em virtude das alterações ocorridas na segunda metade do século XX, posteriores à abertura da Av. Imaculada Conceição (Ribeiro, 2008).

A rua das Cónegas, atual rua da Boavista, deverá ter uma gênese medieval, permitindo ligar a rua Nova, que na Idade Moderna conhece o designativo de rua do Campo, à Igreja e Convento de S. Francisco, em Real, onde, no século VII, havia sido erigido o convento e o mausoléu de Frutuoso (Fontes, 2009). A partir do século XVII esta via constitui provavelmente a maior artéria suburbana da cidade, apresentando um parcelamento constituído maioritariamente por pequenas parcelas, estreitas e alongadas, semelhante ao das artérias que ligavam a cidade às paróquias suburbanas, já referidas (AA.VV, 1989-91). Atualmente, a parte inicial da Rua da Boavista quase desapareceu, encontrando-se fragmentada pelas novas ruas abertas no século XX, conservando-se, apenas, alguns pequenos troços originais, sobretudo em Real.

A urbanização destas vias irá conferir à cidade um plano radial, com um tipo de parcelamento bastante característico, designado de parcelamento gótico, em resultado da sua formação junto aos caminhos, bem evidente nos séculos XVIII e XIX, bem como nalguns setores do plano urbano da cidade atual.

Breves considerações finais

O traçado das principais vias romanas que partiam de Braga pode ser aferido através de um estudo regressivo que teve como base a cartografia a planta topográfica do 1883/4, à qual foi possível subtrair os elementos construtivos, designadamente vias e parcelas com origem nos períodos históricos anteriores àquela data. Assim, foi possível constatar que a rede viária romana desempenhou um papel estruturante na organização da cidade alto medieval, bem como das suas áreas periféricas, algumas das quais foram posteriormente incluídas na cidade tardo medieval, moderna e contemporânea. A urbanização dos antigos caminhos romanos foi progressiva e resultou de um complexo conjunto de fatores que resultou na sua conversão em ruas. Para além da acessibilidade do solo, importa referir que a urbanização desses caminhos corresponde a um processo mais ou menos contínuo, iniciado na Antiguidade Tardia, com a fundação de basílicas paleocristãs em S. Vítor, S. Vicente ou S. Pedro de

Maximinos e a posterior instalação de aglomerados populacionais nas suas imediações, mas também com a emergência de núcleos industriais, na periferia urbana, como aconteceu com os pelames na Idade Média. O crescimento posterior da cidade resultou na integração destes elementos periféricos na área urbana, consolidado em momentos distintos, com particular relevância para o século XVIII e XIX, quando se iniciou a fase de crescimento urbano mais intenso, que afetou, sobretudo, a área suburbana. Neste crescimento ao longo dos caminhos periféricos, encontramos o predomínio pequena parcela, estreita e desenvolvida em profundidade, destinada preferencialmente ao uso residencial, edificada na parte anexa à rua, mas destinada ao cultivo e a anexos nos fundos. As parcelas de maiores dimensões puderam albergar conventos, igrejas e complexos artesanais ou casas apalaçadas. Nos últimos séculos, assiste-se à propensão para ampliar e regularizar os caminhos e ruas suburbanas através de normas de alinhamento, do preenchimento intersticial das áreas livres não construídas, da abertura de ruas transversais e da delimitação de quarteirões e de acessos aos edifícios. Estas alterações tiveram obviamente consequências inevitáveis ao nível da morfologia anterior, muito embora algumas das suas características, possam ainda ser recuperadas.

Referências bibliográficas

- AA.VV. (1989-91) *Mapa das Ruas de Braga*, 2 volumes, Arquivo Distrital de Braga/Universidade do Minho e Companhia IBM Portuguesa, Braga.
- Bandeira M S M (2000) *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII*, Edições Afrontamento, Porto.
- Bandeira M S M (2001) *O Espaço Urbano de Braga – a cidade entre os finais do Antigo Regime ao advento da II República*, tese de doutoramento policopiada, Universidade do Minho, Braga.
- Bandeira M S M (2015) *Planta topográfica da cidade de Braga de Francisque Goullard (1883/84)*, Câmara Municipal de Braga, Braga.
- Capel H (2002) *La morfología de las ciudades, Vol. I - Sociedad, cultura y paisaje urbano*, Ediciones del Serbal. Barcelona.
- Carvalho H P (2008) *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracaraensis*, 3 vols, tese de doutoramento policopiada, Universidade do Minho, Braga: <http://hdl.handle.net/1822/8755>.
- Costa A J da (1978) *Liber Fidei Sanctae Bracaraensis Ecclesiae*, (edição crítica), tomo I e II, Assembleia Distrital de Braga, Braga.
- Fontes L (2009) O Período Suévico e Visigótico e o Papel da Igreja na Organização do Território, in P Pereira (ed.) *Minho. Traços de Identidade*, Conselho Cultural da Universidade do Minho, Braga, 272-295.
- Fontes L, Martins M, Ribeiro M C, Carvalho H P (2010) A cidade de Braga e o seu território nos séculos V-VII, *Actas do Congresso Espacios Urbanos en el Occidente Mediterráneo, ss. VI-VIII*, Toletum Visigodo, Toledo, 255-262: <http://hdl.handle.net/1822/13377>.
- Lemos F S (2002) Bracara Augusta - a grande plataforma viária do Noroeste da Hispânia, *Forum*, 31, 95-127.
- Lemos F S (2001) Arredores de Bracara Augusta - escavações arqueológicas na necrópole de S. Vitor, no contexto da via romana Aquae Flaviae, *Forum*, 29, 9-38.
- Lopes F (1895/1896) *Chronica de el-rei D. Fernando / Fernão Lopes*, 3 v, Escritorio, Lisboa, (Biblioteca de clássicos portugueses).
- Marques J (1982) Os pergaminhos da Confraria de S. João do Souto da cidade de Braga (1185-1545), *Bracara Augusta*, Vol. XXXVI (Jan-Dez), 81-82 (94-95), 71-20.

- Martins M (1995) A ocupação romana da região de Braga: Balanço e perspectivas de investigação', in Actas do Congresso Histórico Comemorativo dos 150 anos do Nascimento de Alberto Sampaio, Guimarães, 73-114.
- Martins M e Ribeiro M C (2012) Gestão e uso da água em Bracara Augusta. Uma abordagem preliminar", in M Martins M, I Freitas, I Valdivieso (coord.) *Caminhos da Água*, Ed. CITCEM, Braga,9-52.
- Martins M, Delgado M. (1989/90) As necrópoles de Bracara Augusta: os dados arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, 6/7,II, 41-186.
- Martins M, et al. (2010) Salvamento de Bracara Augusta: quarteirão dos CTT - Avenida da Liberdade (BRA 08-09 CTT): relatório final, *Trabalhos arqueológicos da UAUM/memórias*, 1 [Em linha], Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.
- Martins M, Fontes L, Cunha A (2013) Arqueologia urbana em Braga: balanço de 37 anos de intervenções arqueológicas, in J M Arnaud, A Martins, C Neves (eds) *Arqueologia in Portugal 150 anos*, Associação portuguesa de Arqueólogos, 81-88.
- Martins M, Ribeiro J, Magalhães F, Braga C (2012) Urbanismo e arquitetura de Bracara Augusta. Sociedade, economia e lazer, in Ribeiro M C, Melo A S (eds) *Evolução da Paisagem urbana. Sociedade e Economia*, CITCEM, Braga, 29-68: <http://hdl.handle.net/1822/19522>.
- Martins M, Ribeiro M C (2013) Em torno da Rua Verde: A evolução urbana de Braga na longa duração, in Ribeiro M C, Melo A S (eds) *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*, CITCEM/IEM, Braga, 11-44: <http://hdl.handle.net/1822/23983>
- Maurício R (2000) *O mecenato de D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga (1505 1532)*, Vol. I e II, Urbanismo e arquitectura, Magno Edições, Lisboa.
- Ribeiro M C (2008) Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução do espaço urbano, Braga: Universidade do Minho, tese de doutoramento policopiada: <http://hdl.handle.net/1822/8113>.
- Ribeiro M C (2009/2010) A evolução da paisagem urbana de Braga desde a época romana até à Idade Moderna. Síntese de resultados. *Forum*, 44-45, 179-201.
- Ribeiro M C, Melo A S (2014) O crescimento periférico das cidades medievais portuguesas (séculos XIII- XVI): a ação dos mesteres e das instituições religiosas", in Ribeiro M C, Melo A S (Coord.) *Evolução da paisagem urbana: Cidade e periferia*, CITCEM e IEM, Braga,79-115.



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

